

O SOCIALISMO UTÓPICO À AUTOGESTÃO SOCIAL

Matheus Felipe Gomes Dias¹

RESUMO: O presente trabalho é fruto de uma palestra realizada na Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia da Universidade Federal de Goiás em 2018. O objetivo era compreender as diversas interpretações e atualizações do conceito de Comunismo, bem como seu desenvolvimento teórico. Tendo este objetivo, recorreu-se a pesquisa bibliográfica a fim de investigar este conceito e suas diversas manifestações na sociologia e na economia política. Por fim, observou-se que o conceito de comunismo na teoria sociológica fora abandonado, dando lugar ao conceito de autogestão. Com base em autores como Alain Guillerme e Yvon Bourdet, mas igualmente Marx e Engels, observa-se que o comunismo é algo demasiadamente distinto do modelo político-econômico de países como a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), Córrea do Norte e Cuba.

PALAVRAS-CHAVE: Movimentos Sociais. Comunismo. Teoria Sociológica.

1 INTRODUÇÃO

O presente texto fora escrito inicialmente para servir de apoio em um debate promovido numa turma de economia em 2018. Os objetivos da discussão era tentar entender de forma clara e objetiva o que significa autogestão e de certa forma, todos os processos históricos que giram entorno do signo e, também, posteriormente seu significado.

A princípio, trataremos da discussão histórica concernente ao socialismo utópico, socialismo científico, comunismo e posteriormente sua ressignificação – e distorção – pelos ditos “comunistas” e “socialistas” da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e os teóricos Bolcheviques, tanto na segunda internacional quanto dentro da Rússia.

No segundo momento do texto, buscaremos apresentar uma discussão mais sistemática do que significa autogestão e suas implicações na vivência da realidade concreta e, bem como, seu caráter revolucionário.

¹ Universidade Federal de Goiás. E-mail: matheusdias543@gmail.com

2 METODOLOGIA

Dessa forma, a presente investigação ampara-se no levantamento bibliográfico. Dentro disso, recorre-se a documentos e análises que possibilitem a investigação do tema. Posteriormente, inicia-se o processo de análise de dados e a sua sistematização. Por fim, a redação dos dados e as conclusões obtidas no processo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Do socialismo utópico ao socialismo científico

As ideias de liberdade e igualdade sempre estiveram presentes no desenvolvimento histórico da vida social. Desde a mais tenra história, pode-se observar que a vida social é constantemente marcada pelo conflito, sobretudo, o conflito entre dois grupos antagônicos – posteriormente chamados de classes sociais. A revolução francesa, marcou o momento de ruptura de uma forma de organização social (Feudalismo) para uma outra que começara a surgir na Europa, ou seja, o capitalismo.

Os ideais de “liberdade”, “igualdade” e “fraternidade” começam a surgir como pensamento político e nas mãos da burguesia mudam os rumos históricos da sociedade. Nesse momento, a burguesia emergia como classe revolucionária e por isso foi capaz de alterar as relações sociais no mundo feudal. No entanto, com o passar do período revolucionário a burguesia mostrou de forma demasiadamente clara seu potencial de dominação.

É nesse momento histórico que na França e na Inglaterra surgem industriais e pensadores que, pautados pelos ideais da revolução francesa, começam desenvolver novas formas de organização social. Os sistemas socialistas e comunistas, propriamente ditos, os de Sant Simon, Owen e Fourier aparecem nesse momento histórico das primeiras lutas de classe entre Burguesia e Proletariado. É nesse enredo, que surge os ditos socialistas (que Marx e Engels posteriormente chamarão de utópicos). Esse socialismo, ainda de forma primitiva, se dava à partir de uma nova forma de organização social que continuava inserida na dinâmica do capitalismo. Sant Simon, por exemplo, era um industrial e socialista que empreendeu uma forma de organização que consistia na divisão dos lucros com seus operários, com moradias próximas aos locais de trabalho e etc. Porém, essa forma de organização levou Simon a falência e colocou em-xeque esse dito “socialismo”, pois de forma clara, ele se limitava a uma

única região geográfica e podia ser facilmente absorvido pelo capitalismo que até então se mostrava demasiadamente em desenvolvimento (MARX; ENGELS, 2005).

Marx e Engels surgem após o fracasso desse socialismo primitivo, principalmente, numa Era onde o capitalismo já havia se desenvolvido de forma significativa. É nesse momento onde a Europa experimenta também o desenvolvimento da filosofia e das ciências naturais com pensadores como Hegel, Kant, Spinoza e etc. Marx, amparado pelos ideais Hegelianos desenvolve a dialética e cria um método de análise da realidade e com ele desenvolve condições de uma análise material da sociedade capitalista e dos fenômenos sociais (MARX; ENGELS, 2001). Engels, por sua vez, embutido da economia política inglesa e com estudos como *“A situação da classe trabalhadora na Inglaterra”* (1845) se juntam para, a princípio, critica a filosofia alemã e os neo-hegelianos que entendiam a realidade apenas no campo das ideias. Porém, como ponderou os dois autores em sua obra *A Filosofia Alemã* “os filósofos se importam em compreender o mundo, mas o interessa é transformá-lo” (MARX; ENGELS, 2001, s.p), passam então a desenvolver uma ciência socialista que busca “ir a raiz do problema” e “fazer uma crítica desapiedada do existente”.

Para se desassociar dos socialistas do século anterior e dos neo-hegelianos, desenvolvem o Socialismo Científico e no Manifesto Comunista os criticam, pois segundo os autores “os fundadores desses sistemas compreendem bem o antagonismo das classes, assim como a ação dos elementos dissolventes na própria sociedade dominante. Mas não percebem no proletariado nenhuma iniciativa histórica, nenhum movimento político que lhe seja próprio” (MARX; ENGELS, 2005 p. 66).

Em Marx e Engels, pode-se observar um avanço no que diz respeito a compreender o movimento real do proletariado, pois estes enxergavam uma certa autonomia histórica da classe e, ao mesmo tempo, desenvolviam análises que caminhavam no sentido de explicar porque somente os proletariados seriam os únicos agentes de sua libertação. No entanto, até esse momento, Marx e Engels intitulavam-se como Socialistas Científicos, pois o termo Comunista e Comunismo não havia aparecido. Esses termos, por sua vez, surgem no Manifesto e os autores abandonam então o Socialismo e passam a adotar Comunismo, como forma de se dissociar dos Socialismos existentes (utópico, burguês, conservador e pequeno-burguês) (VIANA, 2008).

3.2 Do comunismo ao “autogoverno dos produtores” de Marx e Engels

O comunismo de Marx passa por um desenvolvimento em três estágios; a princípio no manifesto comunista Marx defendia a ideia de um estado operário, e na tentativa de dar precisão conceitual, usa o termo Ditadura do Proletariado de August Blanqui. O segundo momento é quando os trabalhadores de Paris, na guerra Franco-Prussiana tomam a cidade e passam a gerir sua própria vida, num sistema coletivo e autogerido. É nesse momento onde o autor abandona a existência do Estado (mesmo que proletário). O terceiro e último momento é quando Marx começa a radicalizar suas análises e aponta-las para uma emancipação real da classe proletária e n'O Capital defende a ideia de “autogoverno dos produtores”. São essas três fases que explicaremos a seguir:

3.2.1 O Comunismo do Manifesto

No Manifesto Comunista, Marx e Engels começam a desenvolver uma teoria do movimento real dos trabalhadores e apontam o comunismo como resultado da superação do proletariado sobre a capitalista. Nesse momento, os autores defendem uma série de questões sobre a nova sociedade e dentre elas, a permanência de um Estado. Nesse momento, o Estado seria gerido pelos próprios trabalhadores. Marx entendia que o governo de uma classe sob a outra como ditaduras e por isso naquele momento o termo Ditadura do Proletariado aparece como algo mais preciso no que diz respeito a significar Governo dos Trabalhadores.

A Ditadura do Proletariado significa nada mais do que o governo de uma classe sobre a outra e a tomada de decisões vinculada a uma classe específica, ou seja, o proletariado que passaria gerir seus próprios assuntos. Nesse momento – para os autores – não importava a instituição, mas sim, que a geria. Se os proletários passassem a gerir seus próprios assuntos dentro da máquina estatal, dessa forma cessaria a exploração e o monopólio burguês sobre a vida social (VIANA, 2008).

No Manifesto Comunista, Marx e Engels instituem perspectivas que se tornarão inalienáveis nos estágios posteriores do desenvolvimento da teoria comunista. A primeira delas é de que os comunistas não formam um partido à parte da classe proletária e, não existe entre os comunistas um interesse de guiar a classe proletária para seus interesses particulares e organizacionais. Marx e Engels (2005 p. 58) também falam sobre “a expropriação da propriedade latifundiária e emprego da renda da terra em proveito do Estado”, “educação pública e gratuita para todas as crianças, abolição do trabalho das crianças nas fabricas” e etc.

A proposta inicial da sociedade comunista é fazer desaparecer os antagonismos de classe e dessa forma ressignificar a vida social para o bem coletivo e daqueles que produzem nessa sociedade.

No final, Marx e Engels (2005 p. 58-59) ponderam que “uma vez desaparecidos os antagonismos de classe no curso do desenvolvimento, e sendo concentrada toda falando nas mãos dos indivíduos associados, o poder público (ou seja, o Estado) perderá seu caráter político”, pois como pondera os autores, o Estado serve como instrumento de dominação de uma classe pela outra, mas não se pretende a dissolução do Estado e sim, sua descentralização.

3.2.2 O Comunismo após a Comuna de Paris

Com a experiência da Comuna de Paris, Marx redireciona sua obra para o curso da radicalização na emancipação dos trabalhadores. É nesse momento da obra de Marx em que ele abandona os últimos resquícios do que entendia por “Estado operário” e passa a defender a auto-organização dos produtores, no entanto, Marx ainda não havia desenvolvido um compreensão mais ampla sobre o termo e se limita apenas a analisar a experiência da Comuna. O comunismo passava, nesse momento, por uma mudança de conceito e passava a radicalizar-se em seu significado, pois não havia mais a ideia de um Estado responsável pela revolução e a distinção entre comunistas e proletários passava a ter um caráter diferente. É nesse momento que Marx passa a criticar os partidos políticos que começavam a emergir naquele momento. É preciso salientar, para que não surja equívocos posteriores, de que Partido para Marx, significava algo entorno de associação de pessoas com os mesmos ideais políticos e não grupos que tem por finalidade o poder através das disputas eleitorais. O comunismo para Marx, aconteceria na forma de uma tomada violenta do Estado por aqueles que eram responsáveis pela produção, ou seja, o proletariado (MARX, 1982).

3.2.3 A autogestão dos produtores

Marx, após a comuna de Paris, passa a ressignificar o que entendia por Comunismo. Ele abandona as concepções dispostas no Manifesto Comunista e, após a comuna de Paris lança um posfácio em que explica as mudanças que ocorreram no seu pensamento. É nesse momento que Marx já elaborava sua obra mais celebre, ou seja, O capital. No livro, o autor busca analisar as relações de produção e da economia afim de melhor construir uma

sistematização para a leitura do proletariado. Esse fato é demasiadamente emblemático, pois Marx pretendia lança-lo em forma de folhetos para que o trabalhador pudesse lê-lo. N’O Capital, Marx abandona a ideia de comunismo e passa a usar “auto-organização dos produtores” que seria justamente uma sociedade gerida por aqueles que produzem. Isso se daria através dos bônus que o operário receberia de acordo com o impacto de sua produção, mas também, Marx prevê que no fim dos antagonismos de classes esses “bônus” seriam extintos e dariam lugar aos mercados coletivos. O pensamento de Marx nessa ultima fase, pretendia levar a emancipação dos trabalhadores a um nível de que não houvesse mais subjugações e não ocorresse a mesma contrarrevolução tal qual a burguesia fizera (MARX, 2011).

3.3 Caminhos para a autogestão

Após o fim das atividades da primeira internacional dos trabalhadores (AIT) e com a vitória dos bolcheviques na Rússia, o conceito de comunismo passou a sofrer diversas associações. Lênin cria uma tradição marxista fundada numa distorção inserida na tradição marxista (GUILHERM; BOURDET, 1973).

Desse modo, o comunismo na União das Republicas Socialistas Soviéticas (URSS), passou a ser interpretado como capitalismo de estado, pois embora existia uma planificação da economia, o Estado era responsável por regular as relações de produção e toda a organização da vida social (SOLIDARITY, 1970).

A gestão do Estado que pressupunha a participação dos trabalhadores, transformou-se, logo no em 1920, numa espécie de controle operário (ibid). Destarte, autores como Rosa Luxemburgo, Anton Pannekoek, Otto Rule e etc., passam a revisitar o debate marxista e percebem que esse avanço do leninismo, não corresponde a perspectiva de Marx.

Por causa disso e por ocasião da revolução alemã (1918-1919) e do intenso debate que existia no interior da liga *spatacus*, surge a corrente do comunismo de conselho, que pretendia promover e associar-se as lutas de forma que a autonomia dos trabalhadores fossem respeitadas.

Com a contra-revolução, a linha conselhistas seguiu marginalizada e permanece até que as condições de produção e o ciclo de desenvolvimento econômico faça emergir revoltas estudantis e proletárias na França em 1968 (GUILHERM; BOURDET, 1973).

É, sem dúvidas, nas lutas do maio de 1968 francês que o conceito de comunismo alcança seu auge. Com a forte influência da liga *Spartacus*, do grupo *Socialismo ou Barbárie*

e da *Internacional Situacionista*, os estudantes franceses passam a se identificar com a Autogestão social. A recusa aos partidos políticos e as instituições representativas, para além da autorrepresentação e do sentimento antivanguarda, deram o tom das lutas sociais na França em 1968 (GUILHERM; BOURDET, 1973).

Entre as vitórias e as derrotas dos estudantes e trabalhadores franceses, a autogestão social tornou-se um conceito demasiadamente importante, pois surgia como uma corrente desvinculada das deformações do leninismo.

Diversos autores ganham expressão nesse movimento, sobretudo no Brasil. Dentre eles, seria impossível não destacar Mauricio Tragtenberg, João Bernardo, Lúcia Bruno e Nildo Viana. O conceito de comunismo continua a sofrer deformações, tal como a autogestão social e a autonomia operária. No entanto, o desenvolvimento deste conceito possibilita uma percepção mais clara de seu desenvolvimento e bem como seu impacto na realidade concreta.

4 CONCLUSÕES

Desse modo, a trajetória do conceito de comunismo é demasiadamente extensa. Marx concebe o conceito inserido no contexto social e nos debates filosóficos no qual estava inserido. Destarte, ao longo do século XX, este conceito sofre reformulações e adaptações que, em certa medida, buscam aprofundar o debate acerca da teoria marxista.

Por causa disso, há uma ruptura política entre os dissidentes do partido social-democrata alemão e a corrente hegemonia do leninismo. Nesse sentido, surge a corrente conselhistas, que busca revisitar a compreensão de Marx acerca das lutas sociais e a análise da realidade.

No entanto, é a partir das experiências de Maio de 1968 na França que o conceito alcança seu auge. As lutas sociais na França possibilitaram uma aplicação real da autogestão social, após a Comuna de Paris. Dentro disso, a autogestão não buscava dirigir o movimento operário, nem dizer qual rumo este deveria seguir, mas estar inserido nele, apoiando-o e se solidarizando.

REFERÊNCIAS

GUILHERM, Alain; BOURDET, Yvain. **Autogestão: uma mudança radical**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

MARX, Karl. **O capital**. São Paulo: Boitempo, 2001.

_____. **Textos escolhidos**. Lisboa: Moscovo, 1982.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. **A ideologia alemã**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2001.

SOLIDARITY. **Os bolcheviques e o controle operário**. Porto: Afrontamento, 1970.

VIANA, Nildo. **O que é marxismo?** Rio de Janeiro: Elo, 2008.